

MATERNIDADE E MÃE SOLTEIRA: REFLEXÕES SOBRE ESSA CONSTRUÇÃO SOCIAL.

MÁXIMO, Antonia Brenda Teixeira da Silva ; Acadêmica de Serviço Social;
Faculdade de tecnologia do Nordeste; bteixeiraj@gmail.com;

RESUMO

A presente pesquisa nos traz uma reflexão sobre o processo pelo qual a maternidade foi atribuída à mulher. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as relações sociais inerentes à mãe solteira. Trata-se de pesquisa social aplicada, de natureza qualitativa, de forma descritiva, com pesquisa bibliográfica e documental indireta, as fontes compreendem das *homepages*, livros, artigos, eventos. A autora usa o método hipotético-dedutivo pois começa a construção do seu trabalho a partir de um conhecimento prévio, e através das referências bibliográficas vai identificando as questões por ela abordadas. De acordo com Badinter (1980), desde o século XVI a mulher era submissa ao homem, ela deveria ser obediente a ele, pois o homem era o escolhido de Deus para guiar a sua família, assim como o rei era o escolhido de Deus para guiar os seus súditos. Segundo Badinter (1980), a religião e filósofos como Aristóteles serviam como base para certificar o papel da mulher atribuído à serventia do homem. Porém, segundo Badinter (1980) por volta do século XVII na França, as crianças eram amamentadas por amas de leite, as amas de leite amamentava diversas crianças e conseqüentemente por conta da precarização de suas vidas elas ficavam doentes e não conseguiam amamentar todas as crianças, portanto as alimentavam com sopas de batatas. Diante disso, tinha-se um alto índice de mortalidade infantil, as crianças não eram vistas como sujeitos de direitos. Entretanto, segundo Badinter (1980) um filantropo chamado Chamousset, atribuiu às crianças um novo significado, se

antes elas eram vistas como um ônus para o Estado, agora a pátria passaria a ser o novo sentido de suas vidas, portanto novos milicianos com salários baixíssimos. Agora as aldeias teriam um novo incentivo para os cuidados com as crianças, pois a aldeia que criasse mais de oito crianças estaria isenta do serviço militar. Portanto, de acordo com Badinter (1980), a mulher como ser materno foi moldando-se, elas seriam as principais responsáveis por manter as crianças saudáveis e a manutenção do lar. Não foi uma tarefa fácil atribuir as mulheres à maternidade como algo essencial, foi preciso quase dois séculos para atribuir a mulher como o ser materno. Foi preciso a medicina, a religião e os filósofos para impor a maternidade. Reis (2018), através do livro o “Calibã e a Bruxa”, de Fredereci, relata que os Estados absolutistas pautados na religião na Idade Medieval eram criados para pôr em ordem a depreciação da mulher, inclusive regulamentando o estupro. Com a acumulação primitiva do capital, de acordo com Marcus (2018), Fredereci entendeu que não se tratava somente de um sistema antagônico entre exploradores e explorados, mas também da opressão das mulheres. A mulher então seria atribuída a papéis sociais, a elas seriam reservado o espaço de viúva, reprodutora, prostitutas e serem destituídas da vida pública. De acordo com Bhattacharya (2019), o trabalho não pago das mulheres serve como engrenagem para o capitalismo, pois os trabalhadores precisam dos mínimos para se manterem em seus empregos. Quando elas estão como responsáveis no cuidado da casa, dos filhos, do marido e dos doentes, elas estão tornando possível o funcionamento do sistema capitalista. E como a mulher se torna a mãe solteira? De acordo com Oliveira (2015), do ponto de vista histórico os homens com a sua qualidade de “provedor” estiveram ausentes da sua paternidade devido a guerras, procura por comida, empregos em outras regiões ou outras dificuldades econômicas. Como a mulher tinha a função de cuidar dos filhos, elas ficariam como única responsável por seus filhos/as, no início do século XX elas não teriam oportunidades para manter seus sustento, portanto seriam prostitutas ou costureiras. Atualmente, uma mulher pode se tornar mãe solteira por opção, através de adoção, fertilização in vitro ou porque o genitor não quis se

responsabilizar com sua prole. De acordo com Beauvoir (1970), o determinismo biológico deu a mulher essa condição de maternidade, ao tornar-se mulher, ela relata que nem todas as crianças estariam seguras com suas mães, ou seja, o instinto materno seria um mito. Diante disso, vimos que a maternidade fora condicionado a mulher como um viés moralizante, com um propósito de alienação para atribuir a mulher diversas funções sociais a fim de as oprimir, e a submeter ao sexismo como o homem sendo o seu superior. O sistema capitalista por vez, torna possível o sexismo pois ele o beneficia.

Palavras-chave: Sexismo; Sobrecarga; Maternidade.

Referências Bibliográficas

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. 06 de out. de 2020.

_____. O Segundo Sexo: a experiência vivida. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BATINDER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Botafogo: Nova Fronteira, 1980.

REIS, Marcus. A normatização dos corpos e a regulação dos gêneros no processo de transição do feudalismo para o capitalismo. **Topoi (Rio de Janeiro)**, [S.L.], v. 19, n. 39, p. 150-156, set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x01903908>.